



(#cadernos-home)



(#especiais-home)



(#impressos-home)



(#colunistas-home)



concer-engajada-na-campanha-pelo-fim-da-violencia-contra-a-mulher.aspx)

CINEMA (/CULTURA/CINEMA) | 02 de junho de 2023 - 00:01

Por:

No aprimoramento do olhar



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Indicada à Palma de Ouro de curtas-metragens em 2010 por "Estação", Marcia Faria é uma das mais respeitadas assistentes de direção do país, conhecida também por seu trabalho como diretora de TV (e hoje também de streaming), que acaba de fazer sua estreia como realizadora de longas: "A Procura de Martina". A partir de um roteiro de Gabriela Amaral Almeida, Marcia cria uma jornada contra o tempo (do esquecimento) apoiada no talento da genial atriz argentina Mercedes Morán. Sua trupe reúne talentos como Carla Ribas, Luciana Paes e Fernando Eiras.

A trama aborda um dos episódios mais sombrios da história latino-americana: o caso de bebês de militantes políticos sequestrados ao logo dos regimes ditatoriais de vários países do continente, depois entregues a famílias da elite militar ou a seus apoiadores. No enredo, Martina (Mercedes Morán), uma viúva de 75 anos que teve sua filha única - grávida de três meses - sequestrada pela ditadura argentina, busca o paradeiro dela e do neto, que nunca chegou a conhecer. Começando a ter sintomas de Alzheimer, ela recebe um telefonema inesperado dizendo que a criança está no Rio de Janeiro.

Marcia filmou em locações espalhadas por várias partes da cidade, como Copacabana, Madureira, Ramos, Tijuca e Jacarepaguá. Na entrevista a seguir, ela fala desse processo.

Pela sinopse, pelas imagens, seu longa "A Procura de Martina" sugere uma reflexão sobre maternidade e perseverança, mas, sugere também um estudo sobre a arte de envelhecer. Uma arte difícil. Que pesquisa você fez para encarar a ideia da velhice em sua dramaturgia?

Márcia Faria: A ideia de uma senhora de cabelos brancos sentada na cadeira de balanço, que frequentemente habita nosso imaginário, soma-se à ideia de que na velhice a preguiça é permitida. Como se não houvesse mais nenhuma exigência nem a necessidade de fazer nenhum esforço, e recebêssemos finalmente nessa fase da vida o merecido descanso: envelhecer, assim, parece trazer a possibilidade de um "lazer absoluto", longe do estresse e da ansiedade da juventude. Um período de tranquilidade, em que a vida já não oferece mais altos e baixos, e tudo se converte num previsível marasmo. Mas, por trás desse olhar benevolente com que encaramos a terceira idade — não é à toa que essa faixa etária recebeu o nome de "melhor idade" —, há inúmeras dificuldades e problemas que preferimos esquecer.

Em que medida envelhecer é esquecer?

Muitas vezes, depois que envelhecem, as pessoas se tornam um estorvo para a família, e por isso, não é raro que sejam tratadas como crianças, ou ainda objetos que não têm mais vontade própria e por isso devem se dobrar às vontades e ordens alheias. Os velhos, por não ocuparem mais um lugar significativo na sociedade, acabam vivendo à margem dela, afastando-se da convivência e do contato para ficarem recolhidos nas casas ou nos asilos. Nessa situação, também os prazeres de que todos desfrutam são como que interditados aos velhos: a mesa, o álcool... até mesmo o amor e o sexo não são muito bem aceitos nessa fase da vida. Como não ser condenado assim ao enfado, à melancolia? Em "A velhice", Simone de Beauvoir escreve: "É a inercia que é sinônimo da morte. Mudar é a lei da vida". Neste sentido, "A Procura de Martina" é um filme sobre a pulsão de vida da protagonista. É sobre uma mulher que, apesar do Alzheimer, viaja a outro país, coloca-se em movimento, enfrenta todas as dificuldades para encontrar seu neto.

O que uma atriz do porte de Mercedes Morán te traz sobre o modelo argentino de atuação? Em que ponto esse universo argentino da ditadura passou a ser um objeto de estudo... de interesse para você?

Sempre soube que a escolha da atriz para interpretar o personagem Martina seria decisiva para o filme. Não existe praticamente nenhuma cena em que ela não esteja presente. Martina é a alma do filme. E, desde o primeiro frame que rodamos, Mercedes trouxe para a personagem muito mais do que eu poderia imaginar. Eu me emociono com sua atuação, vou do riso às lágrimas. Mercedes consegue dar à personagem de Martina uma dimensão sutil, onde muito é contado nas pausas e no silêncio. A Argentina é um dos poucos países, se não o único da América Latina, que levou os militares responsáveis pelo golpe (e por inúmeras atrocidades) à Justiça. Aqui no Brasil, vivemos as consequências de não olhar para esse momento da História com o rigor com que ele precisa ser encarado. A Comissão Nacional da Verdade foi um grande avanço, mas os anos do governo Bolsonaro provaram que precisamos encarar esse terrível período da História brasileira de maneira mais contundente. Neste sentido, a história de Martina vira uma alegoria. Ela vem em busca de justiça, lutando contra seu próprio esquecimento, justo em um país que dizem ser "o país sem memória". Martina é uma mulher que carrega consigo seus mortos, que faz uma força tremenda para não esquecê-los.

Qual é o risco de passar à direção de longas neste momento, numa narrativa transnacional, em momento de mudança na indústria do cinema, após toda a sua experiência em séries?

Dirigir o primeiro longa, com uma história tão pessoal, foi uma travessia. O roteiro da Gabriela Amaral Almeida tem muitas camadas, mistura experiências íntimas e o momento histórico de uma nação. Do que é individual ao coletivo, do drama à comédia, é uma narrativa que brinca com gêneros. Para mim, foi um grande desafio fazer este filme. Uma trama falada em outra língua parecia uma tarefa hercúlea para o primeiro filme. Porém, o tema é comum a todos os países envolvidos na produção: Brasil, Argentina e Uruguai, temas que falam direto ao coração, que unem nossos países.

Que filmes te levaram a fazer Cinema? Te inspiram a filmar?

Provavelmente se você me fizer a mesma pergunta em outro momento vou responder de maneira diferente a cada vez. Em vez de filmes específicos, vou citar diretores que admiro: Hitchcock, Billy Wilder, Elia Kazan, Truffaut, Fellini, Bergman, Ozu, Jia Zhangke, Wong Kar-Wai, Walter Salles, Karim Ainouz, Sérgio Machado, Marcelo Gomes, Roberto Farias, Nelson Pereira dos Santos, Gabriel Mascaro. Enfim... muita gente me inspira. Sou de fases, gosto de ver a filmografia de um determinado diretor dos primeiros filmes aos mais recentes, pra ver a transformação durante os anos, o aprimoramento do olhar.

(<https://www.facebook.com/correiodamanha.br>,

(<https://twitter.com/correiodamanha1>)

(<https://www.instagram.com/correiodamanha.br>)

Copyright © 2022 Correio da Manhã Brasil. Todos os direitos reservados.

Criado e desenvolvido por

(<https://agenciaz9.com.br/>)